



A COOPERAÇÃO EMPRESA/UNIVERSIDADE

Julia Silva Neves Gusmão¹
Keverlyn Nascimento Honorato²
Beatriz de Jesus Nascimento³
Danielle Gonçalves de Oliveira Prado⁴

RESUMO

A relação empresas/universidades foi o tema escolhido dada a sua importância no cenário do empreendedorismo atual, e na complementação da formação universitária, que há muito deixou de lado o academicismo teórico tradicional, e rumou em direção a aplicabilidade prática dos conceitos e conhecimentos aprendidos durante a graduação. Dessa forma o objetivo traçado foi o de apresentar à comunidade, os trabalhos das Empresas Juniores e sua relação com o ambiente universitário por intermédio de alguns de seus colaboradores. No que diz respeito aos métodos, foi utilizada uma metodologia de caráter bibliográfico e amparada no relato de experiência observado nas palestras. Já o referencial teórico foi composto por Benedetti e Torkomian (2011), Campos *et al* (2018), Ferreira *et al* (2012), Rapini (2007), Stake (2011) e Ziliotto e Berti (2012). Por fim, os principais resultados obtidos revelaram uma grande adesão e participação por parte dos espectadores, frente aos relatos de experiência dos palestrantes convidados ao longo dos cinco dias de atividades.

Palavras-chave: Empresas Juniores; Cooperação; Universidades.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o grande problema do desemprego após a formatura preocupa centenas de universitários por todo o Brasil. Todavia, conscientes de que o diploma não lhes garante emprego imediato, os recém formados dispõem de certas oportunidades que os favorecem na inserção no mercado de trabalho.

As chamadas Empresas Júnior, presentes nas Universidades Brasileiras como atividades extensionistas, contribuem para o processo oferecendo oportunidades aos participantes ao se formarem.

¹ Graduanda do Curso de Engenharia Têxtil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, julia.sng@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, ke_honorato@hotmail.com;

³ Mestranda do Curso de Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, beatriznascimento.unesp@gmail.com;

⁴ Professora do DAMAR na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, danielle@utfpr.edu.br;



Regulamentado no final dos anos 60 na França, o movimento de empresas juniores ganhou força de lei a fim de complementar a formação superior que, na época, registria-se exclusivamente ao expositismo teórico academicista.

Posteriormente a ideia ganhou o mundo, e chegou ao Brasil no final dos anos 80 por intermédio da Câmara de Comércio. A expansão brasileira foi rápida se comparada à francesa; na primeira metade dos anos 90 mais de 100 empresas surgiram, número alcançado pelos franceses somente 20 anos após a criação do modelo no país. (CAMPOS *et al*, 2014).

Nesse sentido, sendo um dos mais ativos na consolidação da proposta, o Brasil buscou solidificar sua posição, e em 2003 criou a Brasil Junior, autoridade máxima em se tratando do assunto no território nacional. Composta por 14 unidades federativas, a Brasil Junior tem por missão garantir a estrutura e padronização em tudo que diz respeito ao sistema.

Ferreira *et al* (2012) argumenta que a Brasil Junior busca fortalecer o movimento de empresas junior, de forma que a sociedade como um todo possa se beneficiar da cooperação firmada entre as empresas e as universidades.

Desse ponto de vista, o autor destaca que “(...) seus valores são o compromisso com resultados, a sinergia, a postura empreendedora e a transparência”. (FERREIRA *et al*, 2012, p. 12). Pode-se observar que a postura adotada pela Brasil Junior, dialoga com os princípios norteadores que funcionam como tônica para a noção desenvolvimentista de que se serve.

Nesse contexto, a regulamentação e padronização evocada é pautada pelo Conceito Nacional de Empresas Junior, diretriz fundamental que estabelece os critérios e formatos mínimos para o pleno desenvolvimento da relação, identificando as partes e definindo as funções dos atores envolvidos. Dessa maneira, a confiabilidade e a eficácia da proposta, encontram solo firme onde se sustentar.

Por outro lado as empresa júnior comporta-se como um dispositivo institucional no percurso de formação, que oferta aos alunos a possibilidade de funções análogas às que se dedicarão no futuro profissional, bem como possibilitam a troca de conhecimentos com as empresas às quais prestarem serviços enquanto extensionistas.

De acordo com Ziliotto e Berti (2012):

O processo de cooperação tem início quando surge em empresas e universidades o interesse de trabalhar conjuntamente. Tal disposição permite que os primeiros encontros e contatos ocorram, e que se esbocem as primeiras



ações para a efetivação do processo. Essa etapa inicial envolve a existência de motivações que impulsionam as duas entidades a buscar e a prosseguir no processo, bem como a de expectativas que justificam o seu andamento. (ZILIOOTO e BERTI, 2012, p. 211)

Dado o exposto, o presente trabalho justifica a sua realização de forma a auxiliar e orientar os graduandos no direcionamento e início de suas respectivas carreiras, bem como no compartilhamento de experiências de pessoas que passaram pelo processo, estas comportando-se como fontes de informação primária, e capazes de exercer influência nas decisões dos espectadores ainda imersos em dúvidas.

Desse modo, a série de palestras com a temática “Universidade + Empresas” foi proposta com o objetivo de apresentar à comunidade os trabalhos das Empresas Juniores e sua relação com o ambiente universitário. Já os objetivos específicos da palestra foram os seguintes:

- Apresentar as principais características da relação empresas/universidades;
- Analisar os benefícios da cooperação firmada pelas Empresas Juniores;
- Observar como essa cooperação é estabelecida;
- Levantar relatos de experiências de alunos e professores envolvidos.

METODOLOGIA

Levando em consideração o que diz Stake (2011), a metodologia de pesquisa pode ser compreendida com relação a sua natureza, abordagem, objetivos e procedimentos de coleta de dados. Para a realização deste trabalho será utilizada uma metodologia de pesquisa de natureza básica, com uma abordagem qualitativa, com procedimento descritivo e levantamento de dados de caráter bibliográfico e amparado no relato de experiência observado nas palestras.

As palestras aconteceram em 5 (cinco) dias diferentes através de *lives* no *Instagram* da página @utfpr.ap_extensao, que é voltada para divulgação de projetos de extensão da UTFPR, campus Apucarana, e foram mediadas pela professora Dra. Danielle Gonçalves Oliveira do Prado, sempre às 20hrs.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do presente trabalho é composto pelos seguintes autores: Benedetti e Torkomiam (2011), que apontaram a contribuição da parceria entre as empresas e as universidades. Campos *et al* (2018), que identificou as oportunidades para os participantes, as



competências envolvidas na empresa junior e as dificuldades e as limitações da mesma. Ferreira *et al* (2012), que destacou a cooperatividade entre as empresas e as universidades como fontes inesgotáveis de inovações nas mais variadas áreas.

Rapini (2007), que apontou as relações de colaboração e as principais áreas de interesse dos grupos de pesquisa, bem como os da respectiva empresa. Stake (2011), que norteou metodologicamente o trabalho. E Ziliotto e Berti (2012), que destacaram a estrutura e peculiaridades envolvidas nos mais variados processos da relação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palestra teve uma ótima participação e recepção por parte do público, observada através dos comentários e das visualizações; mais de 3.000 espectadores foram registrados ao longo dos cinco dias. Desse modo, optou-se por deixá-la gravada na página, de forma que aqueles interessados que não tiveram a oportunidade de acompanhar no momento da realização, tivessem a possibilidade de assisti-las posteriormente.

Nos primeiros dois dias de palestras, contou-se com as participações das Empresas Juniores do campus Apucarana da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Bóson* Consultoria (Empresa Junior do curso de Engenharia Química), *Cotton* Soluções e Consultoria Têxtil (Empresa Junior do curso de Engenharia Têxtil), *Sete* Consultoria (Empresa Junior do curso de Moda), *Notton* Soluções e Inovação (Empresa Junior do curso de Engenharia Elétrica) e *Solução Junior* (Empresa Junior do curso de Engenharia Civil).

Nesse primeiro momento buscou-se reconhecer os fatores característicos da cooperação, tal como Rapini (2007) descreve:

Além das especificidades setoriais, a intensidade da interação universidade-empresa é compelida por outros fatores, como os referentes ao setor industrial (tamanho da firma e características do desenvolvimento de novos produtos), ao setor de pesquisa público (políticas, disponibilidade de *expertise*, papel do mesmo como usuário), à tecnologia (características gerais, estágio de desenvolvimento, dinamismo da área), à firma (existência de base de conhecimento, propensão à interação). (RAPINI, 2007, p. 08).

No primeiro dia, Hilary Magon, aluna e representante da *Bóson* Consultoria, abriu o evento explicando ao público toda a burocracia envolvida na implementação de uma Empresa Junior.



Já Luiza Taglinari, aluna e representante da *Cotton* Soluções e Consultoria, dividiu com o público as informações no que tange a estrutura de uma Empresa Junior, a relação dessas empresas com os professores que com ela colaboram e discorreu sobre as etapas e prerrogativas para a entrada de novos membros.

Por fim, Renan da Silva, representante da empresa Sete Consultoria, encerrou a explanação contando sobre os projetos que foram desenvolvidos durante a quarentena, dando destaque especial para a doação de máscaras.

Já no segundo dia de evento, Jhonatas Willian, aluno da empresa *Notton* Soluções e Inovações, transmitiu ao público o quanto as Empresas Junior agregam na formação dos alunos que participam desse tipo de projeto.

Fechando a atividade prevista, o aluno Marllon Takeshita, representante da Solução Junior, relatou como é o processo de adaptação dos participantes, bem como destacou o perfil dos envolvidos.

Informações que dialogam com Benedetti e Torkomiam (2011) ao afirmarem que:

A variedade das competências desenvolvidas pelos empresários juniores e a sua aquisição em ambiente dinâmico e de prática profissional supervisionada por profissionais das respectivas áreas, sugerem que as Empresas Junior propiciam um espaço de apoio à formação de profissionais com perfil multifacetado e habilitado a resolver problemas. (BENEDETTI e TORKOMIAM, 2011, p. 27).

No terceiro dia os alunos deram lugar aos professores responsáveis pelas Empresas Juniores. A professora Maráisa Lopes de Menezes, representando a *Bóson*, iniciou contando como surgiu a ideia de fundar a primeira Empresa Junior do campus Apucarana.

O professor Flávio Avanci de Souza, da *Cotton*, explicou a relação dos professores do departamento de Engenharia Têxtil com a Empresa Junior do curso, e o professor Rodrigo Aparecido Fernandes Pereira, da *Notton*, contou um pouco mais sobre o estatuto e as áreas em que as Empresa Junior pode atuar no período de vigência.

No quarto dia de palestras o professor Alesando Bail, que realiza pesquisas em conjunto com empresas, abriu a transmissão falando sobre os desafios da pesquisa dentro de empresas, bem como definiu o que é e como funciona o Núcleo de Inovação Industrial. Já Daniel Graize Trindade, representante da empresa Antares Reciclagem, relatou o que faz uma empresa



procurar a Universidade para trabalhar de forma cooperativa, além de dar exemplos de projetos com outras Universidades.

Nesse contexto foi debatida a atuação do governo na relação, onde os argumentos expostos concordavam ou discordavam com a iniciativa, refletindo assim o que diz Campos (2018).

As opiniões estão divididas quanto ao correto papel desse tipo de agente interveniente na iniciação e na manutenção dessa ligação. Alguns estudiosos (...) acreditam que o governo não deve influenciar as relações entre a universidade e a empresa, pois ele inibe a flexibilidade e a diversidade dos acordos entre essas organizações. Outros visualizam uma série de papéis para o governo, acreditando que ele possa contribuir para remover os desincentivos à pesquisa e à inovação em geral, selecionar problemas que requerem pesquisas, ajudar a identificar parceiros potenciais e facilitar negociações, fornecer fundos iniciais para o desenvolvimento de projetos e, finalmente, ser um terceiro parceiro, dividindo os custos com a empresa e a universidade. (CAMPOS *et al*, 2018, p. 25).

Por fim, Thuany Nascimento Domingues Cunha, aluna que participou do projeto, lembrou como foi seu ingresso e sua participação, bem como descreveu sua rotina no laboratório; finalizou dando conselhos técnicos aos alunos que desejam fazer parte de projetos semelhantes.

No último dia de palestras participaram os alunos egressos de projetos com empresas no exterior. Guilherme Andreoli Gil, que iniciou contando sobre a experiência de ser aluno do curso de Engenharia Química e destacou seu desempenho e atuação em um projeto na área têxtil com uma empresa, Marcos Henrique Santana, que contou sobre a ida para Espanha a fim de realizar o estágio obrigatório, além de comentar sobre os desafios de estar em outro país, bem como destacou o início de seus próprios projetos com empresas.

Junto aos alunos, o professor, membro do Núcleo de Inovação Industrial e idealizador das *lives*, Fabricio Maestá, encerrou a série de palestras contando mais sobre os projetos que os grupos de pesquisa desempenham, além de didaticamente estruturar a cooperação empresas/universidades, descrevendo que tudo começa com a motivação, evolui para o processo de cooperação, fase onde as barreiras ou facilidades tornam-se evidentes, até desaguar na satisfação resultante.

Imagem 1: Divulgação da Palestra Universidade + Empresas.



FONTE: (Autoria própria, 2020).

CONCLUSÃO

Dado o exposto, foi possível reconhecer, com base nos testemunhos dos palestrantes e na análise das fontes bibliográficas consultadas, o início do modelo cooperativo entre empresas e universidades, sua logística e estrutura, bem como as necessidades e características da relação estabelecida.

O público aderiu de forma ampla ao projeto desenvolvido, sendo participativo e acompanhando a rotina de palestras. Com os relatos observados, foi possível perceber a grande gama de opções existentes, fato que transforma a empresa junior em um sistema eficaz de complementação profissional e aprimoramento das capacidades a serem desenvolvidas tendo em vista o mercado de trabalho.

Essa cooperação inster institucional funciona como catalizadora de inovações tecnológicas, fato que promove segmentos múltiplos e possibilita a exploração de inúmeras áreas profissionais. A presença dos palestrantes comportou-se como fundamental pra o desenvolvimento eficaz da proposta, onde os espectadores sentiram-se seguros e confortáveis para interagir e questionar.

Pelos testemunhos, foi possível reconhecer todas as etapas envolvidas no processo, bem como as prerrogativas inerentes a cada aspecto tratado, onde o empreendedorismo e o



aperfeiçoamento profissional funcionaram como elementos centrais que alimentaram o interesse da audiência.

Em determinados momentos o debate acerca dos aspectos mais delicados e polêmicos, principalmente em se tratando da participação governamental no sistema, nutriram os argumentos embasados observados entre os palestrantes, a mediação e o demais participantes, que opinaram e teceram comentários enriquecedores.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer primeiramente à Fundação Araucária pelo fomento fornecido e à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Apucarana, por ter intermediado e tornado esse projeto possível, à professora Dra. Danielle Gonçalves Oliveira do Prado e orientadora deste presente artigo, por nos mostrar o universo maravilhoso da extensão e aos nossos familiares e amigos, que sempre nos incentivaram e apoiaram.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI M H, TORKOMIAM A L V. Uma análise da influência da cooperação Universidade-Empresa sobre a inovação tecnológica. Gest. Prod. vol.18 no.1 São Carlos 2011.

CAMPOS E B D, ABBAD G S, FERREIRA C Z, NEGREIROS J L X M. Empresas juniores como espaços de apoio à formação profissional de estudantes universitários brasileiros. Rev. Psicol., Organ. Trab. vol.14 no.4 Florianópolis dez. 2018.

FERREIRA G C, SORIA A F, CLOSS L. Gestão da interação Universidade-Empresa: o caso PUCRS. Soc. estado. vol.27 no.1 Brasília Jan./Apr. 2012

RAPINI M S. Interação universidade-empresa no Brasil: evidências do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Estud. Econ. vol.37 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2007

STAKE, R E. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

ZILLOTTO, D M, BERTI, A R. A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. Revista Conexão UEPG, v. 8, n. 2, p. 210-217, 2012.